

A TEMPORALIDADE E O DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA HEBRAICA E DOS TEXTOS BÍBLICOS NO MUNDO ANTIGO: APONTAMENTOS

THE TEMPORALITY AND DEVELOPMENT OF WRITTEN HEBREW AND BIBLICAL TEXTS IN THE WORLD ANTIQUE: NOTES

Resumo

Este ensaio tem como objetivo apresentar a algumas informações de como o historiador¹ entende a história e o tempo, a construção da escrita do hebraico no mundo antigo, e de quando os textos bíblicos começam a ser escritos pelos israelitas. Para isto, faremos uma pequena introdução do nascimento da escrita na história e do surgimento do hebraico na história israelita, para após, descrevermos em que período o hebraico bíblico nasce na história humana, obviamente que a construção do hebraico bíblico, está relacionada com a lista das línguas semíticas. Para tal tarefa precisaremos entender como nasce à escrita na história antiga, para após, entrarmos nos questionamentos do hebraico como escrita dos textos da bíblia hebraica, entre os israelitas.

Palavras-chave: Escrita, Hebraico bíblico, textos e contextos históricos.

Abstract

This paper aims to present some information on how the historian understands history and time, the Hebrew writing construction in the ancient world, and when the biblical texts begin to be written by the Israelites. For this, we will make a short introduction of the birth of writing in history and the emergence of Hebrew in Israeli history, for after, describing that period Biblical Hebrew born in human history, obviously the construction of the Hebrew Bible, is related to the list the Semitic languages. For this task we need to understand how comes to writing in ancient history, for after, enter the Hebrew questions as writing of the Hebrew Bible texts, among the Israelites.

Key-words: Writing, Hebrew Bible, texts and historical contexts.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

¹ BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

Muito se tem debatido sobre a construção historiográfica da escrita da história, ou da história da escrita, a escrita denota o desenvolvimento das civilizações intelectuais no mundo antigo, medieval, moderno e contemporâneo, o entendimento do desenvolvimento da escrita é de suma importância para nós entendermos as questões do presente, mas, olhando para o passado.

Se entendermos a formação da escrita nos primórdios da humanidade, poderemos pontuar como as populações faziam os seus registros comerciais, econômicos, registros de compras de terrenos, ferramentas, empréstimos financeiros, registros do âmbito religioso, papiros, cartas e etc.

Como disse o historiador Marc Bloch “história é uma ciência em construção”, o desenvolvimento da história e da escrita, é apresentado de várias maneiras, por historiadores, antropólogos, arqueólogos dentre outros. A história antiga é de suma importância para nos situarmos no presente, se negligenciarmos há história antiga dos povos e da escrita não teremos uma base sólida para arguirmos de forma sucinta e convincente sobre a temática da escrita na história no mundo antigo, e também dos registros dos textos pelos povos, principalmente dos israelitas na história de Israel.

Para tal tarefa, desenvolveremos alguns tópicos neste ensaio que serão de extrema importância para entendermos o desenvolvimento da escrita hebraica na história israelita. Começaremos descrevendo de forma breve sobre a história e o tempo, e a temporalidade e a história, para assim, após entrarmos na temática da invenção da escrita no mundo antigo, tema este de suma importância cronológica e temporal da escrita entre os povos, após apresentaremos o aparecimento das línguas semíticas no mundo antigo e suas classificações idiomáticas, por fim, entrarmos no nascimento do hebraico antigo e seus respectivos registros hebraicos na Bíblia Hebraica.

A HISTÓRIA E O TEMPO

A história busca entender as condições de nossa realidade e compreender o passado, bem como seus reflexos em nossos dias, e assim buscar propostas para viver no tempo presente. Uma vez que a história é construída diariamente por meio de nossas ações, é preciso relacioná-la com o presente, pois, todos os acontecimentos convergem para nossas vidas.

Portanto, para que serve o ofício do pesquisador² da história? O seu trabalho consiste em fornecer elementos que auxiliem a sociedade a compreender o seu papel na história. Entretanto, o historiador contribui para ajudar o entendimento da relação entre o passado, o presente e o futuro, e este é o nosso objetivo neste ensaio, tentar entender a construção da escrita no mundo antigo, e principalmente do hebraico bíblico.

Todavia, ao pensar em história e tempo devemos ter em mente as relações que o homem tem com a sociedade, a natureza e as transformações que estas sofreram no decorrer do tempo. O historiador e pesquisador da história deve trazer estes elementos para o debate, afim de compreender tais relações no tempo e no espaço.

Dando continuidade em nossas reflexões acerca da história, é necessário utilizar neste momento as palavras do historiador Marc Bloch (2001), “história é uma ciência em construção”, isto porque o passado está sempre passível de novas interpretações.

Cardoso (1981) complementa “...os cientistas já não buscam verdades absolutas e eternas”, além disso, no caso específico da história significa dizer que a “conquista do seu método científico ainda não é completa e que os historiadores ainda estão descobrindo os meios de análise adequados ao seu objeto”.

² Historiador é o profissional que estuda/pesquisa o passado humano em seus vários aspectos: economia, sociedade, cultura, ideias e cotidiano. O historiador investiga e interpreta criticamente os acontecimentos, buscando resgatar a memória da humanidade e ampliar a compreensão da condição humana.

Por sua vez, não deve ser identificada como uma “ciência do passado, pois o passado não é objeto de ciência” (BLOCH, 2001). Embora o historiador busque-o, os questionamentos surgem a partir do presente, assim, segundo Febvre, a “história é a filha do seu tempo”.

O papel do historiador é construir o passado e transformá-lo em tempo próximo da realidade, visto que a história é muito mais que explicar simplesmente os fatos cronologicamente, mas compreendê-los a partir do seu próprio tempo.

Pelo exposto, pode-se afirmar que o passado se torna história no momento em que há um sentido para o presente, ou seja. [...] o passado só se torna história quando expressamente interpretado como tal; abstraindo-se dessa interpretação ele não passa de material bruto, um fragmento de fatos mortos que só nasce como história mediante o trabalho interpretativo dos que se debruçam, reflexivamente sobre ele (RÜSEN, 2001).

Conseqüentemente, sendo a história uma construção humana o pesquisador jamais será capaz de resgatá-la, sendo capaz apenas de entendê-la e resignificá-la por meio de reconstruções do passado. Porém, é preciso que o historiador tenha consciência de que sua pesquisa terá inevitavelmente lacunas e que sua análise faz parte de uma das possibilidades de interpretações acerca do objeto investigado.

Dessa perspectiva é impossível produzir “a verdade”, o que se produz é uma versão do passado no contexto do presente, por isso, a história está sempre sujeita a novas explicações. Como são os questionamentos do presente que fazem surgir de novas perguntas, originalmente outras análises, escolhas e seleções de objetos de estudo, a história é constantemente reescrita. Na visão de Bloch, a história [...] é busca, portanto, escolha. Seu objeto não é passado. A própria noção segundo a qual o passado enquanto tal possa ser objeto de ciência é absurda. Seu objeto é o ‘homem’, ou melhor, ‘os homens’, e mais precisamente homens do tempo (BLOCH, 2001, p.23-24).

Nesse contexto, a função social da história é propiciar a compreensão das experiências vividas por diversos sujeitos no tempo e no espaço, contribuindo para que o indivíduo adquira a capacidade de pensar

historicamente, ou seja, dar-lhe condições de problematizar sua condição de ser social, em que experiências refletidas no tempo sirvam de orientação para o cotidiano.

É interessante perceber que a história e o tempo exerce um papel fundamental no desenvolvimento da consciência histórica do homem, pois propicia a construção de elementos importantes para a formação do senso crítico, transformando o indivíduo em sujeito histórico e ao mesmo tempo instrumentalizando-o como agente transformador da sociedade em que vive.

Para Thompson (1987), essa possibilidade de agir enquanto sujeitos históricos é adquirida por meio da construção do conhecimento histórico, pois “ajuda-nos a conhecer quem somos, por que estamos aqui, que possibilidades humanas se manifestam e, tudo quanto podemos saber sobre a lógica e as formas de processo social”, uma vez que as três dimensões temporais (passado, presente e futuro) são interdependentes e servem para orientar a vida e os feitos do homem no tempo.

A história é o campo de aplicação do conhecimento histórico, que tem como objetivo a compreensão dos sujeitos, dos processos históricos e das relações dos diversos grupos humanos em diferentes espaços temporais.

Rüsen (2001) leva-nos a entender que a consciência histórica propicia os meios para que os homens construam um sentido de orientação que incorpora seu presente e suas expectativas de um futuro possível, contribuindo assim, para a formação da consciência histórica crítica. O pesquisador pressupõe também, que por meio da consciência histórica o passado orienta o presente na identificação das semelhanças, diferenças, permanências, mudanças e rupturas da sociedade.

Dessa forma, concebe-a como “um conjunto, ordenado temporalmente, de ações humanas, no qual a experiência do tempo passado e a intenção com respeito ao tempo futuro são unificadas na orientação do tempo presente” (RÜSEN, 2001).

A história precisa-se pautar-se em operações que propiciam realizar uma operação mental, articulada com experiências na vida prática em que o

passado tratado como experiência venha a ser compreendido e contido no presente, bem como na construção do futuro e passam a serem elementos conformadores da consciência histórica. O pesquisador que trabalha com a instrumentalização da história passa a construir o conhecimento histórico e do tempo, embasado em procedimentos, métodos e análises de diferentes abordagens historiográficas, este breve panorama da construção histórica e do tempo histórico é importantíssimo para nós entendermos a invenção da escrita ao longo dos séculos da evolução humana, é claro, pensando num viés da história e do tempo.

A TEMPORALIDADE E A HISTÓRIA

A construção de noções de tempo e espaço deve ser desenvolvida no cotidiano de seus pesquisadores, consideradas como um dos principais conceitos da pesquisa historiográfica, que na verdade é de suma importância para construção intelectual.

No limiar do pensamento das autoras Shimidt & Cainelli (2004) o tempo pode ser definido como “categoria mental que não é natural, muito menos espontânea e nem universal. Ao trabalhar com as noções temporais permite levar o ser humano a entender permanências, mudanças, sucessões, simultaneidades e duração da sociedade humana”. Já que para as autoras citadas tais noções “[permitem] captar os elementos evidenciadores da profundidade temporal, quais sejam, de referências sobre outras épocas e tempos para diferenciá-los do presente (RÜSEN, 2004, p. 77-78)”.

O tempo apresenta-se de duas maneiras: o tempo histórico e o tempo cronológico, o primeiro baseia-se nos acontecimentos e não corresponde ao tempo cronológico que é definido pelos calendários e relógios. O que os diferencia é que, no caso do tempo histórico, podem-se identificar permanências e mudanças com muito mais rapidez do que o próprio tempo, exemplo disso são os fatos cotidianos: por exemplo, “[...] transformações

lentas, como no campo dos valores morais: o machismo [...] é um valor que impera na maior parte das sociedades que a história estuda” (BORGES, 1987, p. 47-48).

O tempo cronológico, por sua vez, possibilita identificar o local dos acontecimentos históricos sucessivamente, mas também pode remeter à compreensão de fatos datados referentes a um determinado ponto de uma longa e infinita linha de números. No entanto, os momentos históricos entendidos dessa maneira assumem a perspectiva linear, segmentada e evolutiva da história, como se toda a civilização passasse pela mesma trajetória. Logo adiante será apresentada essa concepção historiográfica que assume tal postura e que é vista com muitas críticas.

O que se pretende de fato é que o ser humano desenvolva a capacidade de observar e compreender a sua própria realidade, estabelecer relações históricas, de datar e localizar as suas ações e as de outros indivíduos no tempo e no espaço.

O desafio do pesquisador consiste em identificar o que faz parte do cotidiano dos humanos e, paralelamente, em encontrar meios para que a pesquisa de história e do tempo, não seja somente conteudista, caracterizada por uma organização cronológica sem nenhum vínculo com as histórias individuais, locais, regionais e nacionais. Uma vez alcançados estes objetivos, a história cumpre seu papel ao possibilitar que os pesquisadores sintam-se sujeitos históricos na construção do conhecimento e, com isso, sejam capazes de atuar e projetar a partir dos parâmetros dessa condição na sociedade em que vivem.

Contudo, nem sempre a história esteve pautada por perspectiva, ao contrário, o pesquisador de história por muito tempo passou uma visão absoluta e linear do tempo, nestas ponderações que fizemos acima relacionadas a, temporalidade, história e cotidiano, estão entrelaçadas com a temática da história e escrita da história no mundo antigo, por quê se faz necessário em nossa análise pontuarmos algumas argumentações que envolvam o ensaio que estamos escrevendo no momento, e a seguir, apresentaremos um recorte do desenvolvimento da escrita no mundo antigo.

A INVENÇÃO DA ESCRITA:

Como todo o avanço social, político e técnico foram inevitáveis à presença de uma ferramenta capaz de potencializar o conhecimento, em especial nas atividades administrativas como a contabilidade da colheita. Tal ferramenta foi a escrita, que surgiu em locais diversos do planeta entre 4 e 2 mil anos a.C. Mas até então, os registros mais antigos encontrados são da escrita cuneiforme na Suméria, região entre os rios Tigre e Eufrates, como podemos visualizar a seguir:

Figura 1 – Placa de argila com escrita cuneiforme



A escrita possibilitou à humanidade armazenar ideias e experiências e transmiti-las às novas gerações. Ao lado podemos observar, uma placa de argila sumérica de 2350 a.C., aproximadamente, com caracteres cuneiformes registrando a existência de bodes e carneiros (JÚNIOR, 2012, p. 106).

Fonte: Musée du Louvre, Paris (2016)

Podemos perceber na imagem anterior que aparentemente o escrito mais antigo da humanidade foi o registro cuneiforme. Portanto, os sacerdotes da região da Mesopotâmia, além de suas funções religiosas, também se incumbiam de administrar a produção e comercialização de rebanhos e colheitas. Assim, as primeiras formas de escrita tinham essa função de contabilidade. Um sistema chamado de pictográfico³ que consistia em pequenos desenhos imitando e representando coisas como um boi, uma planta ou ave (SOPHIATI; HEUER, 2013, p. 45).

Já num segundo momento, passaram a utilizar símbolos que podiam representar ideias como cozinhar, colher ou suplicar as divindades (deuses) e não apenas miniaturas de coisas materiais. Dessa maneira a escrita levou o

³ O sistema pictográfico são símbolo que representa um objeto ou conceito por meio de desenhos figurativos. Pictografia é a forma de escrita pela qual ideias e objetivos são transmitidos através de desenhos. Suas origens na antiguidade são a escrita cuneiforme e dos hieróglifos, mas a sua principal origem na modernidade foi o sistema de representação pictórica.

nome de escrita ideológica, somando a possibilidade de representar tais símbolos através de sons da fala humana. E por fim, cerca de 4000 a.C., os sumérios incorporaram à escrita a diversidade da produção legislativa, religiosa e até literária (CHILDE, 1975, p. 25).

Partindo deste pressuposto, temos como princípio fundante que a escrita nasce entre os Sumérios, mas, no Egito a escrita surgiu por volta de 3.000 a.C., em forma de caracteres chamados de hieróglifos, a escrita hieroglífica era usada geralmente em textos sagrados, gravados em pedras (JÚNIOR, 2012, p. 135).



A escrita egípcia também foi algo importante para este povo, pois permitiu a divulgação de ideias, comunicação e controle de impostos. Existiam duas formas principais de escrita: a escrita demótica (mais simplificada e usada para assuntos do cotidiano) e a hieroglífica (mais complexa e formada por desenhos e símbolos). As paredes internas das pirâmides eram repletas de textos que falavam sobre a vida do faraó, rezas e mensagens para espantar possíveis saqueadores. Uma espécie de papel chamado papiro, que era produzido a partir de uma planta de mesmo nome, também era utilizado para registrar os textos. Os hieróglifos egípcios foram decifrados na primeira metade do século XIX pelo linguista e egíptólogo francês Champollion, através da Pedra de Roseta.

Mural hieróglifo⁴

Embora alguns historiadores situem seu aparecimento há mais de seis mil anos. Barbosa afirma que “o primeiro registro que se conhece é uma pequena lápide, encontrada nos alicerces de um templo em Al Ubaid. O construtor do templo escreveu nela o nome do seu rei. Esse rei pertenceu a uma dinastia entre 3.150 e 3.000 a.C., aproximadamente” (BARBOSA, 1991, p. 35).

Até neste exato momento acredita-se que o alfabeto nasce com os Fenícios⁵, essencialmente pessoas que foram comerciantes e navegadores do

⁴ Faz parte de um milenar mural hieróglifo de origem não revelada, cujos caracteres, segundo o que podemos traduzir, dizem respeito ao deus Amon./ BALDIN, James. Nos domínios do realismo fantástico. Mural hieróglifo. Disponível em < <http://www.dominiosfantasticos.com.br/id567.htm> > Acesso em: 17 de Abril.

⁵ Entre os anos 1400 a.C e 700 a.C., As cidades fenícias prosperaram, inicialmente sob a liderança de Biblos, depois por Sídon e mais tarde, de Tiro. Os mercadores de Biblos trocavam o cedro por papiro

Mediterrâneo, sendo assim, desenvolveram o primeiro alfabeto, este denominado alfabeto tinha vinte e duas letras com sons, o que serviu para facilitar o trabalho comercial.

Figura 2 – Alfabeto Fenício⁶

ALFABETO FENICIO									
𐤀	𐤁	𐤂	𐤃	𐤄	𐤅	𐤆	𐤇	𐤈	𐤉
aleph	beth	gimel	daleth	he	waw	zayin	heth	teth	
'	b	g	d	h	w	z	h	t	
𐤊	𐤋	𐤌	𐤍	𐤎	𐤏	𐤐	𐤑	𐤒	𐤓
yod	kaph		lamed		mem			nun	samekh
y	k		l		m			n	s
𐤔	𐤕	𐤖	𐤗	𐤘	𐤙	𐤚	𐤛	𐤜	𐤝
ayin	pe	sade	qoph	resh	shin		taw		
'	p	s	q	r	sh/s		t		

Esse alfabeto primitivo possuía somente consoante, os gregos o aperfeiçoaram acrescentando as vogais. Assim o alfabeto fenício serviu de base para o grego, que deu origem ao alfabeto latino, no qual se baseia o nosso alfabeto.

Como observamos na figura 1, a escrita dos sumérios tinha forma de pequenos triângulos ou cunhas, por isso, o nome escrita cuneiforme. A base material para essa escrita eram placas de argila, seguidas da invenção do papiro⁷ (papel) e do pergaminho (couro). Sem duvida, a escrita é uma das invenções de significante impacto à cultura e foi uma marca de transição entre a Pré-História⁸ e Idade Antiga, fato que não se exclui, mas dá credito especial para ambas as fases.

Os efeitos da escrita sobre as mudanças intelectuais e sociais não são de fácil compreensão. [...]. É enganoso pensar a escrita em termos de suas consequências. O que realmente importa é aquilo que as pessoas fazem com ela, e não o que ela faz com as pessoas. A escrita não produz uma nova

com os egípcios. Mais tarde, a palavra “biblos” que era como os gregos chamavam o papiro, passou a significar livro (Júnior, 2012, p. 173).

⁶ GALVAN, Stefanie L. Galloza; MATTA, Paula E. Cotera; MARTINEZ, José F. Arango. *Evolucion del alfabetolatino*. Disponível em: < <http://es.slideshare.net/moisbarcayolarojas/evolucion-del-alfabetolatino> > Acesso em: 17 de Abril 2016.

⁷ Planta nativa do Egito usada para fazer cordas, esteiras e uma espécie de papel de boa qualidade, os egípcios utilizavam esta planta à aproximadamente 2680 a.C., (JÚNIOR, 2012, p. 122).

⁸ A transição da Pré-História para a Idade Antiga foi marcada por uma revolução que não tem data exata. Trata-se de um marco contextual. Então, será a agricultura ou a escrita o principal responsável pelo surgimento da organização social (estado e da administração pública?), para pensar.

maneira de pensar, mas a posse de um registro escrito pode permitir que se faça algo antes impossível: reavaliar, estudar, reinterpretar e assim por diante. [...]. Mas ser capaz de ler e escrever pode ser crucial para o desempenho de certos papéis na sociedade [...], também podendo ser completamente irrelevante para o desempenho de outros papéis em uma sociedade tradicional. A escrita é importante em termos da realização do que possibilita às pessoas: o alcance daquilo que objetivam ou a produção de novos objetivos. (OLSON, HILDYARD, TORRANCE, 1985, p. 14).

A importância da escrita não resulta apenas na retrospectiva de especialistas ou eruditos, muitos povos do passado tinham o desenvolvimento da escrita, atribuídos às divindades ou a heróis. Prova disso, temos como exemplo os antigos egípcios, que atribuíam a escrita, ao deus Tot e Ísis, por sua vez, os Babilônios atribuíam ao deus Nebo, filho de Marduk, que na verdade era o deus do destino.

Deste modo, os gregos atribuíram a escrita ao deus Hermes e a outros deuses do Olimpo. Não obstante, uma antiga tradição judaica considerava “Moisés o criador da escrita hebraica”, as questões do nascimento da escrita hebraica, veremos mais adiante neste ensaio.

A escrita abriu um espaço de comunicação desconhecido pelas sociedades orais, no qual tornava-se possível tomar conhecimento das mensagens produzidas por pessoas que encontravam-se a milhares de quilômetros, ou mortas há séculos, ou então que se expressavam apesar de grandes diferenças culturais ou sociais (LÉVY, 2000, p. 114).

Para exemplificar a evolução dos registros gráficos resumimos aqui sete momentos da humanidade nos quais se formaram e evoluíram sistemas e algumas técnicas de escrita.

Citamos aqui exemplos de algumas performances das mais imprescindíveis na evolução da escrita e no seu serviço prestado às civilizações. Das atividades socioeconômicas da Mesopotâmia, do ritualismo Egípcio, dos alfabetos do Oriente Médio, Fenício, Grego, do Império Romano até a formação da língua portuguesa, podemos analisar que, essa evolução influenciou fortemente a formação da língua e até a própria formação de nações, obviamente que não poderemos detalhar tais períodos, porém, nesta breve análise podemos notar que o

desenvolvimento da escrita foi um marco fundante na história da humanidade.

AS LINGUAS SEMÍTICAS:

Analisaremos mais adiante um breve panorama das línguas semíticas no mundo antigo, que são de extrema importância para nós situarmos quando e em qual período se originou a língua hebraica. Partindo deste pressuposto precisamos fazer algumas perguntas, o que são línguas semíticas? E que relação à entre ambas? E porque pesquisar sobre elas? Estas e entre outras questões descreveremos no decorrer deste tópico do ensaio.

Segundo Araújo⁹, a língua árabe representa o Sul-Occidental no mundo antigo, já o hebraico e aramaico o Norte-Occidental, o hebraico é de família Cananéia, e o aramaico de família arameia. Todos os idiomas são semíticos, porém, de ramificações diferentes. Desta forma, podemos conhecer três grandes grupos de línguas semíticas, citados anteriormente. Essas pessoas e ou falantes semíticos tiveram a possibilidade de falar estes idiomas, e possivelmente conheceram línguas semíticas do grupo Norte-Occidental, como por exemplo: o acádico e seus dialetos.

São identificados como língua semítica os idiomas do Oriente Médio e da África do Norte. O termo “semítico” é derivado da palavra hebraica *Sem/shem* (~*veṣ*), que segundo a Torá, Sem foi um dos filhos de Noé/*nohâ* (*x:nOë* – Gênesis 5,32). Dessa forma podemos identificar que as línguas semíticas são de família mais ao nordeste dos idiomas Afro-asiáticos¹⁰, e são conhecidas como camito-semítico (ARAÚJO, 2008, p.17).

Terra¹¹ nos apresenta que o termo “semítico” no sentido linguístico, foi introduzido pelo historiador alemão August Ludwig Von Schlözer, para designar a língua falada pelos arameus, assírios, hebreus, árabes e outros povos,

⁹ ARAÚJO, Reginaldo Gomes d. *Línguas Semíticas na Universidade de São Paulo*. Revista de Estudos Orientais. São Paulo; nº 6; páginas 15-29; janeiro de 2008. Disponível em: < http://letrasorientais.fflch.usp.br/sites/letrasorientais.fflch.usp.br/files/REO_06.pdf.pdf > Acesso em: 21 de Abril, 2016.

¹⁰ Normalmente a família das línguas afro-asiáticas é composta por seis ramificações: semítico, egípcio, Berbere, cuchítico, omótico e chádico.

¹¹ TERRA, João Evangelista Martins. *O Deus dos Semitas*. São Paulo: Loyola, 2015, p.1.

baseado nas narrativas de Gênesis 10,21-31;11,10-26, em que Aram, Assur e Heber são mencionados como descendentes de Sem.

O termo semítico atribuído por Schlözer foi aceito pelos pesquisadores que pesquisam as línguas semíticas, e passou a ser aplicado a todas as línguas semíticas desse mesmo grupo linguístico.

Ao grupo das línguas semíticas pertencem a antigas línguas faladas na Mesopotâmia, no Próximo Oriente Antigo, na península arábica e no norte da África. Dentre essas línguas, sobreviveram, ainda hoje, o árabe: que teve uma incrível expansão por causa do islamismo, tornando-se a língua oficial não apenas da península arábica, mas também da maior parte da Ásia anterior, Síria, Jordânia, Iraque, em todos os países do Norte da África, e em muitos países da África negra: o **amárico**: dialeto etíope falado na Abissínia, onde o etíope clássico, ou **geês**, ainda é escrito como língua literária; o **siríaco** ou aramaico: ainda falado em algumas aldeias da Síria; o **copto** e o siríaco: usados como línguas litúrgicas do rito oriental; e em nossos dias ressurgiu o **hebraico** moderno: desenvolvido pelo sionismo (TERRA, 2015, p. 2).

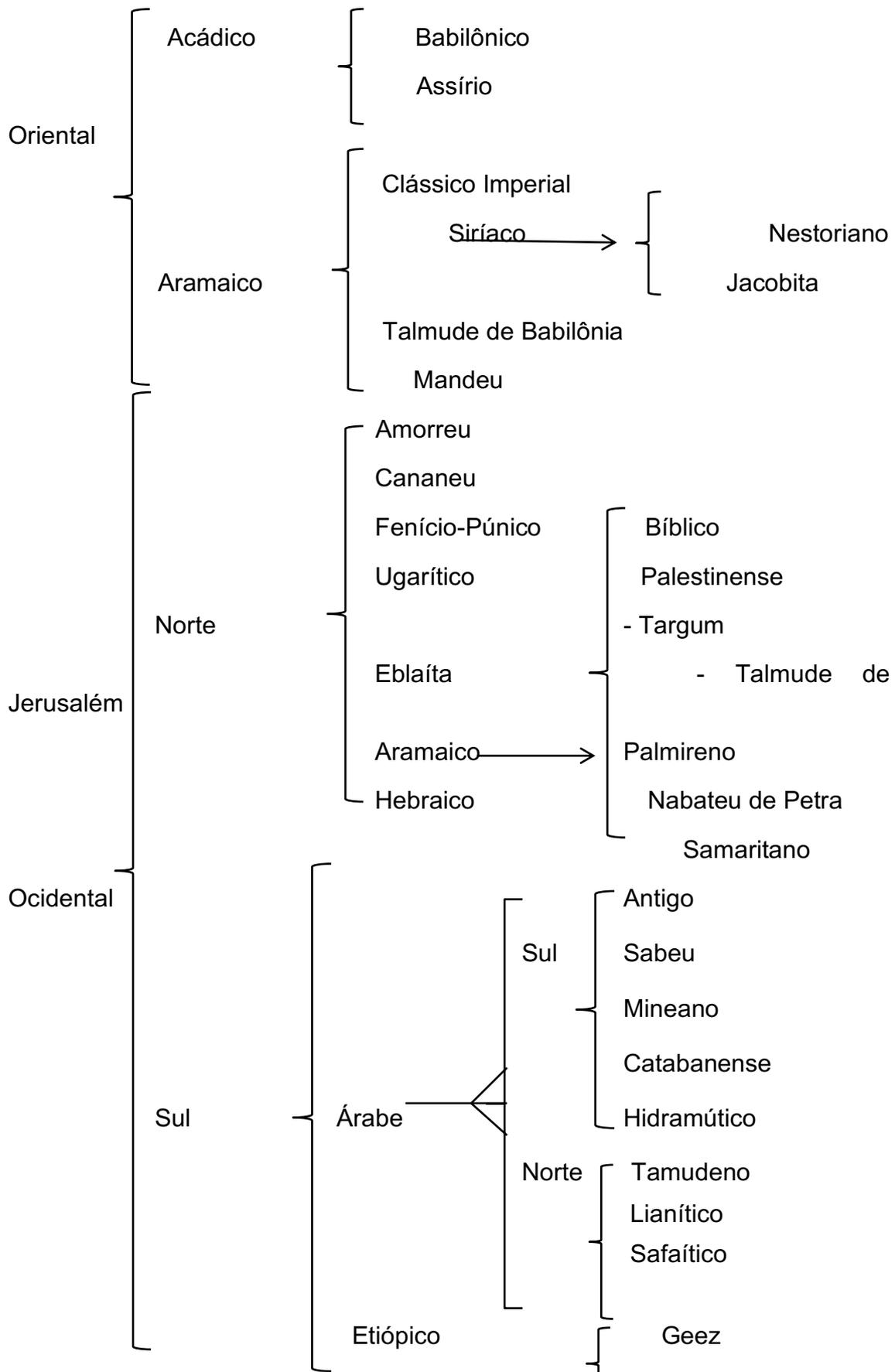
O hebraísta Edson F. Francisco¹² apresenta-nos que faz muitos anos que as línguas semíticas são alvo para pesquisadores e objeto de estudos para muitos linguistas, e alguns as classificam da seguinte forma: A) Grupo Nordeste da Mesopotâmia (Norte-Oriental): acádico, assírio e babilônio; B) Grupo Noroeste da Síria-Palestina (Norte-Occidental): Hebraico, Hebraico samaritano, aramaico, siríaco, ugarítico, fenício, canaanita, moabita, edomita, púnio e nabateu; C) Grupo Meridional do sudoeste: árabe, etíope, sabeu e mineu.

Há uma grande probabilidade que a península arábica seja a pátria mãe de todos os povos semitas, segundo Mackenzie¹³. Nos desertos da Arábia, a população é muito mais densa do que a pode sustentar, e as migrações para o território fértil circundante ocorrem desde o começo da história registrada do Oriente Médio. A cultura dos povos semitas, na área do deserto, é nômade. Culturas camponesas e urbanas foram adotadas depois de suas migrações, segue abaixo descrição geográfica das línguas semíticas.

¹² FRANCISCO, Edson de Faria. *Características da Língua Hebraica: Hebraico Arcaico, Hebraico Pré e Pós-Exílico, Hebraico de Qumran e Hebraico Massorético de Tiberíades*. Revista Estudos da Religião. São Bernardo do Campo: Nº 21; páginas 165-195. Ano XV, dezembro, 2001. Disponível em: <
<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/index> > Acesso em: 21 de Abril, 2016.

¹³ MACKENZIE. J.L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulus, 1984, p. 861.

DESCRIÇÃO GEOGRÁFICA DOS GRUPOS DAS LÍNGUAS SEMÍTICAS¹⁴



¹⁴ MACKENZIE. J.L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulus, 1984, p. 860-863.

Tigrina e Amárico

Como analisamos no quadro anterior, as línguas semíticas são pertencentes de três grupos: Nordeste, Noroeste e sudoeste. Desse modo, alguns idiomas sumiram ao longo dos séculos, como por exemplo: o acádico, o ugarítico, o fenício, o moabita, o assírio e o babilônio. Porém, outros idiomas ainda são falados até os dias de hoje por populações do Oriente Médio, alguns com uma proporção menor, outros com proporções maiores, como por exemplo, o aramaico, idioma falado por cerca de 300 mil pessoas, o hebraico samaritano por algumas centenas (cerca de 300 pessoas).

Alguns destes idiomas semíticos se tornaram línguas litúrgicas, como por exemplo: siríaco e o etíope, que são utilizados por comunidades cristãs orientais (siríaco pelos cristãos nestorianos e jacobitas e etíope pelos cristãos etíopes), por sua vez, o hebraico samaritano, utilizado pelos samaritanos. O amárico, língua oficial da Etiópia, com cerca de 16 milhões de falantes, que possui uma escrita própria e uma tradição literária, cujos primeiros exórdios¹⁵ se situam no séc. XV da E.C. O *tigrínio*, língua oficial da Eritreia, país independente desde 1992, falada por aproximadamente três milhões e meio de pessoas, escrita com o mesmo alfabeto etíope que recorre ao amárico (ARAÚJO, 2008, p. 18).

O Árabe é a língua semítica mais utilizada e falada nos dias de hoje, cerca de 480 milhões de falantes, e em quais países? Argélia, Marrocos, Iraque, Irã, Arábia Saudita, Síria, Egito, Jordânia e Líbia e etc. O hebraico depois de ressurgido no século XVI e “falada” desde o século XX, é hoje utilizada por cerca de sete milhões de pessoas no moderno Estado de Israel, e falada por cerca de 14 milhões de judeus no mundo (FRANCISCO, 2015, p, 1). A partir deste momento em nosso ensaio, daremos mais ênfase nas questões históricas do hebraico arcaico, pré-exílico e pós-exílico, mas antes disto, a princípio faremos um recorte geográfico sobre o grupo norte-ocidental:

O Semítico Norte-Occidental é representado por dois grandes grupos, a saber, o aramaico e o cananeu. O **cananeu** representa manifestações linguísticas não aramaicas da área sírio-palestina, do final do segundo milênio Antes da Era Comum em diante. As línguas deste grupo são: O **hebraico** com suas diversas épocas: período bíblico, cuja literatura pode ser datada aproximadamente entre 1200 e 200 A.E.C., complementado por número de

¹⁵ Que se apresenta no começo de um discurso; o princípio do discurso. Que ocorre no princípio de; que dá origem a; princípio. (Etm. do latim: exordium.i)

inscrições; período pós-bíblico, começando com a literatura apócrifa e os recentes documentos descobertos no Mar Morto (séculos I e II A.E.C.) e continuando com os escritos rabínicos dos primeiros séculos da Era Comum (*mishná, toseftá, midrash*); a literatura exegética, a literatura poética e filosófica da Idade Média e a dos tempos modernos. E por fim, o hebraico moderno, hoje falado em Israel (ARAÚJO, 2008, p. 19).

Como podemos notar na apresentação acima, Araújo nos faz um recorte linguístico e interpretativo dos idiomas cananeu e hebraico, nos identificando de forma breve as condições linguísticas dos idiomas e seus respectivos períodos, porém, podemos notar que a língua hebraica no relato de Araújo teve vários períodos, portanto, o hebraísta Edson F. Francisco à subdivide em sete períodos históricos, e os segue: 1) O Hebraico arcaico: séculos XIII ao século X a.C., 2) Hebraico pré-exílico ou hebraico clássico: X século ao VI a.C., 3) Hebraico pós-exílico ou hebraico tardio: VI século ao II a.C., 4) Hebraico de Khirbet Qumran: II século a.C., ao II século d.C., 5) Hebraico rabínico ou hebraico talmúdico ou ainda neo-hebraico: II século d.C., ao X d.C., 6) Hebraico Medieval: X século a.C., ao século XV, início da era história moderna; 7) Hebraico moderno ou hebraico israelense: século XVI ao século XXI (FRANCISCO, 2015, p.2).

Dessa forma, os períodos do hebraico que temos interesse nesse ensaio, são os três primeiros: Hebraico arcaico; hebraico pré-exílico e pós-exílico, os demais foram importantes não para redação da literatura bíblica e sim para redações do (*mishná, toseftá, midrash, poética hebraica, filosofia medieval, moderna e pós-moderna e etc*). O que mais nos interessa neste ensaio é identificar os primórdios e nascimento do hebraico no mundo antigo, para após justificarmos a redação de seus livros “sagrados”. Mas antes disto, apresentaremos a continuação do recorte geográfico (do grupo das línguas semíticas referentes ao ‘norte-ocidental’) e interpretado por Araújo, o as segue:

O **fenício** e púnico representados pelas inscrições das antigas cidades fenícias, datadas entre o IX e o I século A.E.C., e pelas inscrições de suas colônias no Mediterrâneo (entre o século IX A.E.C. e o século II da Era Comum). O **moabita** representado pela inscrição do rei Meshá de Moab do século IX A.E.C. O **aramaico** representado por seus diversos períodos, desde o primeiro milênio A.E.C., que sobreviveu em poucos dialetos, até o presente. Podemos distinguir um período antigo e uma subsequente divisão em duas ramificações, Oriental e Ocidental. A parte mais antiga deste idioma foi encontrada em inscrições dos reinos arameus. Todas essas inscrições foram descobertas no

Norte da Síria (nas proximidades da cidade de Aleppo). Cronologicamente pode-se datá-las entre os séculos X e VII A.E.C. O Aramaico Oficial ou Imperial – é assim chamado por causa da função administrativa que este idioma assumiu no império persa, do século sexto ao quarto A.E.C. O Aramaico Médio é o aramaico do século III A.E.C. até os primeiros séculos da Era Comum. O Aramaico Tardio é usado para textos escritos entre o segundo e o nono século da Era Comum. Da Palestina veio uma forte produção literária do judaísmo, inclusive o Talmude palestino, *midrashim* e diversos *targumim*. Encontramos ainda nessa região escritos cristãos, possivelmente de judeus convertidos, e samaritanos. Na parte oriental, encontramos ainda os judeus babilônicos com o Talmude de Babilônia, textos em mandeu e siríaco. O Aramaico Moderno é o aramaico falado hoje em diversas cidades próximas de Damasco – entre elas podemos citar a maior: Ma'lula – como também por alguns cristãos no sudeste da Turquia, presentes em Tur 'Abdin. O **Aramaico Ocidental** está representado pelo nabateu, língua de uma população árabe que se estabeleceu em Pétria e floresceu do I século A.E.C. ao século III da Era Comum. Papiros em nabateu foram descobertos no meio dos documentos do Mar Morto e também inscrições em nabateu foram identificadas espalhadas na Grécia e na Itália. É representado também pelo palmireno que é uma língua de uma população de etnia árabe que se estabeleceu na região de Palmira e que floresceu entre o século I A.E.C. e o III da Era Comum. Inscrições em palmireno foram encontradas, longe de seu ambiente habitual, na Inglaterra. Como representante deste grupo há também o aramaico palestinese, falado na Palestina no tempo de Jesus e durante os primeiros séculos da Era Comum. O **Aramaico Oriental** está representado pelo siríaco, originalmente a língua de Edessa, depois desenvolvida por uma riquíssima literatura cristã, indo do século III ao XIII da Era Comum. O aramaico babilônico é a língua dos judeus babilônicos, predominantemente, representada pelo Talmude Babilônico. O mandeu é a língua dos gnósticos que floresceram na Mesopotâmia. Seus escritos cobrem do século III ao VI da Era Comum. (ARAÚJO, 2008, p. 20).

Podemos notar no relato historiográfico das línguas semíticas apresentados por Araújo que, alguns destes idiomas já não existem mais, como por exemplo: o acádico, o ugarítico, o fenício, o moabita, e o assírio e babilônico que representam as línguas semíticas do grupo norte-oriental, mas, são de suma importância para pontuarmos a relevância de tais idiomas no mundo antigo e suas respectivas aparições na história humana (ARAÚJO, 2008, p. 21-22).

O HEBRAICO BÍBLICO: TEMPORALIDADE, HISTÓRIA E REDAÇÃO.

Como observamos acima, a língua hebraica demonstra ao longo dos séculos um desenvolvimento contínuo do idioma, e principalmente de sua estrutura linguística (BAROCAS, 2006, p. 30).

Para alguns estudiosos do idioma, os três primeiros períodos relatam o desenvolvimento do hebraico bíblico (Hebraico arcaico; pré-exílico e pós-exílico; nos séculos XIII ao II a.C.), e isto entendemos através do desenvolvimento dos textos da Bíblia Hebraica. Como por exemplo: Gn 49; Êx 15; Nm 23,24; Dt 32,33; Jz 5,2-31; I Sm 2,1-10; II Sm 22,2-51; 23,1-7; Sl 18; 29 e 68, que pertencem ao período do hebraico arcaico composto entre os séculos 13 e 10 a.C., Já algumas partes dos livros, como: pentateuco, Josué, Juízes, I e II Samuel, I e II Reis, Proto e Dêutero-Isaías, Jeremias, Ezequiel, Amós, Oseias, Miqueias, foram compostos possivelmente no segundo período do hebraico bíblico (pré-exílico séculos 10 ao 6 a.C.), e por fim, os textos de Esdras, Neemias, I e II Crônicas, Ester, Rute, Lamentações, Eclesiastes, Daniel, Cântico dos Cânticos, Joel, Obadias, Ageu, Zacarias, Malaquias, são composições do hebraico pós-exílico (FRANCISCO, 2015, p. 03).

Analisando as concepções históricas que o hebraísta Edson Faria nos apresenta, o pesquisador enfatiza que a Bíblia Hebraica foi composta entre os séculos 12 ao 2 a.C., relatando ainda que, há dois dialetos neste idioma hebraico, o primeiro dialeto é o de Judá [judaíta ou sulista], e o segundo, o hebraico de Israel Norte [israelita ou nortista]. Que na verdade este idioma é pertencente ao grupo cananeu, surgido na Palestina, entre o rio Jordão e o Mar Mediterrâneo (FRANCISCO, 2015, p. 04).

Para o hebraísta, “*dentro de uma construção mítica*¹⁶”, após as tribos israelitas se estabelecerem em Canaã, no século 13 a.C., (1300), adotaram a língua local dos cananeus, portanto, o canaanita do qual surgiu, posteriormente, o hebraico, e os ancestrais dos israelitas eram provavelmente arameus e falavam uma antiga forma de aramaico (cf. Gn 31,47; Dt 26,5). No texto bíblico (hebraico), o idioma dos israelitas nunca é nominado “hebraico”, mas, (![;n:ëK. tp;äf.) *s^epat k^ena’an* (língua de canaã; Cf. Proto-Isaías

¹⁶ Apontamentos e posicionamento do redator do ensaio – Fernando Ripoli;

19,18) e (tydlêWhy>) *y^ehudym* (hebraico, *judaico*; cf. II Rs 18,26; 18,28; Is 36,13; Ne 13,24 e II Cr 32,18), denotando, assim, ser o “idioma oficial” de Judá e de Jerusalém, sendo utilizado como forma padrão de linguagem erudita para composição de textos (FRANCISCO, 2015, p. 04).

Steinberg, também argumenta que o hebraico nasce possivelmente neste período, portanto, cem anos após apresentado pelo hebraísta Edson F. Francisco. Steinberg data o aparecimento do hebraico bíblico no século 12 a.C., (1200), que na verdade foi a língua comunicada neste período em Canaã, até a destruição de Jerusalém 587 a.C., (STEINBERG, 2012, p.352)

Ester Barocas, hebraísta e especialista nos textos hebraicos do mundo antigo, apresenta-nos uma datação totalmente diferente dos autores anteriores, para ela o hebraico surge no século 10 a.C., por sua vez, justificando que a língua hebraica é considerada parte do ramo canaanita das línguas semíticas, juntamente com o moabita e o fenício. Desta forma, o hebraico bíblico pré-exílico era uma língua literária padronizada com idiomas distintos para prosa e verso, sonora, rica em vocabulários e formas de retórica, e também continha muitas palavras de dialetos dos povos vizinhos de Israel. Não sabemos exatamente como se desenvolveram as ramificações das línguas semíticas, e principalmente como o hebraico se desenvolveu na ramificação canaanita (BAROCAS, 2006, p.30).

A hebraísta também defende que a língua hebraica “hebraico” começa a ser falada pelos hebreus em Canaã, até a destruição do segundo Templo em Jerusalém, no ano 70 d.C., porém, a partir do exílio babilônico os judeus passaram a falar outros idiomas, como por exemplo; o aramaico. Portanto, o hebraico falado permaneceu possivelmente somente na Judéia e em algumas regiões próximas à cidade de Hebron (BAROCAS, 2006, p. 31).

Não sabemos com exatidão onde e quando este idioma hebraico foi falado, possivelmente na Ásia e na África, podemos sim presumir que, num determinado momento ou ponto central da história antiga (período do bronze recente), um grupo de pessoas que falava a língua primeva separou-se do tronco comum das línguas semíticas que denominados proto-semítico, e

também não sabemos onde os habitantes e falantes do pro-semítico se situavam, estamos aqui no campo das hipóteses.

Como podemos notar nos relatos dos pesquisadores (as) acima, percebemos que a língua hebraica “hebraico”, tem seus fundamentos na temporalidade histórica, e na história antiga, estes fundamentos estão firmados em hipóteses ao longo da construção das línguas semíticas, obviamente que, não temos uma base sólida para fundamentar como se formou tal idioma, e quais idiomas estão inseridos no mesmo, como relatamos um pouco acima, estamos no campo das hipóteses. Dessa forma, partimos então para a redação literária dos textos hebraicos, no mundo antigo.

Muito já se escreveu sobre a composição e os primórdios dos textos escritos na Bíblia Hebraica, porém, novas abordagens na atualidade são apresentadas, sobre o início da escrita dos textos hebraicos (BAROCAS, 2006, p. 34). Ainda hoje, alguns pesquisadores e hebraístas datam a composição dos textos hebraicos do século 13,12 até o século 10 a.C., os mais tradicionais, ainda acreditam que os textos foram redigidos nestas datas, citadas acima.

Portanto, com o avanço da arqueologia bíblica, muitos relatos sobre a composição dos textos bíblicos, das sagas, e lendas sobre Israel, a arqueologia tem nos apresentado outras composições e datações. Como por exemplo, os pesquisadores (as) da arqueologia bíblica nos relatam que os livros da Bíblia, os mais antigos e suas famosas narrativas sobre a história israelita, foram primeiramente codificados e, em certos aspectos fundamentais, escritos em lugares e tempo determinados, em Jerusalém no século VII a.C., para construir uma ideologia política e econômica no mundo antigo, um destes textos é o relato da reforma josiânica II Rs 22 – 23. Josias mudou o culto em silo para centralizar o seu poder político em Jerusalém, centralizando assim, o seu poderio, como rei judaíta (FINKELSTEIN, 2011, p. 17).

A maioria dos textos da bíblia hebraica é composta e redigida, com o método regressivo, este método parte do conceito em que o texto foi escrito e se projeta para trás, na tentativa de reconstrução à história da redação e história do conteúdo (KAEFER, 2015, p. 22). Um dos textos que nos apresenta este processo é I Rs 13, 1-2, onde um profeta vindo de Judá a Betel, profetiza

por ordem de YHWH, justamente no momento oportuno onde Jeroboão I está sacrificando no altar, o profeta pronuncia sua mensagem com um grito: “Altar, altar! Assim fala YHWH”.

Analisando o texto de I Reis 13,1-2; aparentemente este texto está sendo projetado para o futuro, mas, não é isso que está acontecendo, o texto está sendo projetado para o passado. Dessa forma, podemos descrever que possivelmente o texto está sendo escrito em Jerusalém, no período do rei Josias 620/21 a.C., cerca de trezentos anos depois do possível ocorrido, o texto é escrito não para informar o que aconteceu no passado, mas, para justificar as ações no presente, do reinado de Josias, o primeiro rei judaíta a morrer em uma batalha, morrendo o rei, morre a esperança messiânica, mas, isto é assunto para um outro momento, o nosso objetivo neste ensaio, é apresentar o momento em que os textos em hebraico, são escritos entre os israelitas, sejam eles, no reino Judá (Jerusalém), ou no reino do Norte/Israel Norte (antes da invasão em 721/2 a.C.,).

Considerações Finais

Podemos notar neste ensaio, que a temporalidade na história, pode nos apresentar um desenvolvimento historiográfico do tempo histórico, e da história no tempo, tempo este obviamente cronológico, o homem e a história, andam praticamente juntos, e principalmente os desenvolvimentos das civilizações, porque quando estamos falando sobre a escrita, estamos descrevendo o desenvolvimento das “civilizações”, uma civilização ou povo alfabetizado, denotam pessoas (clãs, tribos, famílias) que tem em suas mãos, o poder da comunicação escrita, e isto observamos no ensaio, obviamente de forma teórica, que o desenvolvimento da escrita inicia com o idioma cuneiforme (escrita em forma de cunha), passando para os hieróglifos no Egito, o primeiro alfabeto consonantal nasce com os fenícios, e o desenvolvimento das muitas línguas semíticas que notamos no desenrolar da pré-história e história antiga.

Muitos especialistas que observam o desenvolvimento da língua hebraica, não têm uma justificativa sólida para relatar o seu nascimento na história antiga, estamos aqui no campo das hipóteses, o judaísmo tradicional

nos revela que o nascimento da língua hebraica se deu nos séculos treze antes de Cristo, outros especialistas relatados no ensaio, descrevem que a língua hebraica tem o seu nascimento do proto-cananita ou proto-semítico (Localidade de Canaã), são argumentos que precisamos levar em conta neste momento, devido a grande parcela de pesquisadores que “acreditam”, que o hebraico nasce no século treze antes de Cristo, não temos muitos problemas com o nascimento da idioma, o problema está nas origens que nasce o idioma, e dos idiomas que estão misturados com o hebraico (línguas semíticas), temos como pressuposto que o hebraico (idioma) prevaleceu em relação a outros idiomas mais fracos e perdurou por longos anos, até chegar aos nossos dias.

E em fim, notamos no ensaio que os textos hebraicos começam a serem escritos no final do século VIII a.C., e início do século VII a.C., no reino do Norte, o reino do Sul (Judá) se aproveitou das redações do Norte, para justificar as suas redações, e temos duas formas de escrita hebraica, a escrita judaíta e a escrita nortista (Norte de Israel), Ou seja, as redações hebraicas iniciam no reinado de Acaz (735-716 a.C.), sendo após ampliado está escrita com Ezequias (716-687), e Manassés (687-642), se as redações iniciaram neste período, é possível que já existisse redações menores.

Portanto, o método regressivo é de suma importância para entendermos a redação dos textos hebraicos no mundo antigo, observando assim, as justificações ou legitimações dos Reis de Judá, ou da escola deuteronomista que fazem parte deste período também.

Referencias Bibliográficas

- ARAÚJO, Reginaldo Gomes de; CAVALIERE, Arlete (Orgs.). *Linguagens do Oriente – Territórios e Fronteiras*. São Paulo: Targumim, 2012.
- BAROCAS, Ester Barzelai. *A língua Hebraica? Vai bem, obrigada, pelo menos por enquanto...* Cadernos de Língua Hebraica. São Paulo: USP, N^a 5; p. 29-63, 2006.
- BARBOSA, José Juvêncio. *Alfabetização e Leitura*. São Paulo: Cortez, 1991.
- BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BORGES, Vavy Pacheco. *O que é história*. 5^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

- CARDOSO, Ciro Flamarion. *Uma introdução à história*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- CHILDE V, Gordon. *A evolução cultural do homem*. Trad. Carlota Barrionuevo Martín. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editores Zahar, 1975.
- FRANCISCO, Edson de Faria. *Hebraico Bíblico: Introdução Panorâmica*. São Bernardo do Campo – SP, Março/2015.
- FINKELSTEIN, Israel; SILBERMAN, Neil Asher (Orgs.). *La Bíblia desenterrada – Una nueva visión arqueológica del antiguo Israel y de sus textos sagrados*. 3ª ed. España: Editores Siglo XXI, 2011.
- HIGOUNET, Charles. *História concisa da escrita*. 10ª edição - São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- JÚNIOR, Alfredo Boulos. *História – Sociedade & Cidadania*. 2ª ed. São Paulo: FTD, 2012.
- LÉVY, Pierre. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. 4ª ed. São Paulo. Loyola, 2003.
- LÉVY, Pierre. *As tecnologias da Inteligência - o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1993. 13ª reimpressão, 2004.
- OLSON, David R.; TORRANCE, Nancy (Orgs.). *Cultura escrita e oralidade*. São Paulo: Ática, 1996.
- RÜSEN, Jorn. *Razão histórica: teoria da história – fundamentos da ciência histórica*. Brasília: Edições – Universidade de Brasília, 2001.
- RABIN, Chaim. *Pequena História da Língua Hebraica*. São Paulo: Editora Summus, 1993.
- SOPHIATI, D.G; HEUER, Johanna Wolfram. *Pré-história*. Indaial: Ed. Uniasselvi, 2013.
- STEINBERG, Gabriel. *Ivrit ou Israelit? – A Trajetória da Língua Hebraica: Da antiguidade à consolidação do Estado de Israel*. São Paulo: Targumim, 2012.
- SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. *Ensinar História*. São Paulo: Scipione, 2004.
- THOMPSON, E. P. *A miséria da Teoria ou planetário de erros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- TERRA, João Evangelista Martins. *O Deus dos Semitas*. São Paulo: Edições Loyola, 2015.